

TRIBUNA Livre

14
JANEIRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITÓR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

JÁ BASTA!

Por que é que nós nos não metemos numa campanha persistente e permanente para que acabem de vez as passagens de nível, dos caminhos de ferro?

Nós, os jornais da província, aonde abundam e superabundam as passagens de nível, vias normais da passagem da Morte, temos obrigação de, em bom som e calorosa harmonia, batermos-nos a bem dos filhos deste país, que quase de semana a semana perdem a vida no desaforo de um desleixo sem rival e sem cúria.

Não! É preciso alertar tudo e todos num abrigo imenso dos que perdem a vida trágicamente, a mais das vezes confiados na diligência dos outros que têm obrigação e o dever moral de olhar pela vida do seu semelhante.

Esta semana, infelizmente, há mais um morto e um ferido grave a assinalar, porque no camião de 20 toneladas vinham apenas os dois. Se se travasse de um auto-carro com 40 pessoas, o que poderia ter sido, mesmo à hora que foi, eram 40 vítimas da negligência de quem estava à frente da estação do caminho de ferro naquela hora e que não avisou a guarda da cancela da passagem de nível.

É tão fácil acabar com esta desgraça! Tão fácil desde que os caminhos de ferro estejam dispostos a gastar algum dinheiro. Todas as passagens de nível podem ser suprimidas. Um desaterro ou uma pequena ponte resolvem o assunto de uma vez para sempre. Mas parece que o nosso

país, como outros, estão apostados em liquidar gente, a bem da organização da humanidade. Não! Nós não precisamos de concorrer com a Providência na emergência. Os cataclismos da Natureza chegam de sobra para regularizar o aumento da população.

Nós somos muitos, é certo, mas o terreno chega suficientemente para todos. Cada indivíduo, no mundo, não contando os polos Norte e Sul, tem 17,5 quilómetros quadra-

dos. Isto quer dizer que ainda faltam milhares de anos para chegarmos ao cume de ser necessário dizimar populações.

Porquê, então? Por que não se trava uma campanha séria, capaz, que faça os caminhos de ferro acabar de uma vez com as passagens de nível? Quase que não nos admiramos. Pois se até no Porto, em pleno coração da cidade, na Boavista, à avenida da França, se permitiu que fosse aberta uma artéria, moderna,

(Continua na 4.ª página)

UMA PAUSA QUE DÁ BONS RENDIMENTOS

A generalizada e agora já oficializada conquista das férias anuais é uma das mais belas e oficientes realidades dos tempos modernos em todos os países de alto grau de civilização e cultura.

De facto, quem passa um ano inteiro a trabalhar, desde que a sua profissão seja útil à colectividade, bem merece o anual descanso de alguns belos dias de férias vividos sem demandas nem cuidados na praia, no campo ou na montanha.

Os mais felizardos podem aventurar-se a uma viagemzinha ao estrangeiro, o que, para um espírito observador, não deixa de equivaler a um curso de sabedoria que se adquire assim, em plena liber-

dade de acção, entre gentes e terras desconhecidas que, entre outras coisas, nos mostram como a vida é vasta, complexa e variada, mas sempre sedutora na sua imensidade.

Mas o que mais encanta nas férias é sobretudo o poder reconstituente dos ares puros que se respiram, e dos horizontes novos e quase sempre dilatados que se contemplam. Dir-se-ia que é todo o organismo que se retempera num delicioso banho de juventude, calmante generoso de nervos, fonte maravilhosa de equilíbrios psíquicos.

Os juros do capital gastos nesses dias de ócio são na verdade compensadores, pois traduzem-se por mais saúde — a grande riqueza do homem!

Foi grandiosa e brilhante a homenagem prestada ao Presidente da Câmara de Braga

Tal como a imprensa noticiou largamente, realizou-se no passado domingo a homenagem ao sr. António Maria Santos da Cunha, presidente da Câmara de Braga, a qual resultou grandiosa e brilhante tal como a sua obra em prol de Braga merecia.

Deputações de bombeiros de todo o Distrito formaram a guarda de honra e seguidamente desfilarão frente ao homenageado. Findo este acto o sr. presidente da Câmara de Braga deu entrada na ampla sala de espectáculos do Teatro Circo que se encontrava engalanada, sendo acolhido entusiasticamente e trazendo na sua companhia as altas personalidades que vieram assistir à sessão solene.

Presidiu o sr. Conselheiro Albino dos Reis estando também presentes os srs. Ministros das Obras Públicas e das Corporações, Subsecretários de Estado da Educação Nacional e do Comércio, Governadores Civis de Braga, Porto, Viana e Orense, o Venerando Prelado da Arquidiocese e o Senhor Bispo de Tâmega, além, de outras figuras da maior representação social.

Usaram da palavra diferentes oradores que salientaram a obra impar realizada pelo sr. António Maria Santos da Cunha que transformou Braga e a tornou uma das mais lindas e progressivas cidades do País. Foram lidas centenas de telegramas de individualidades marcantes da vida nacional.

Dadas as características do nosso jornal não fazemos a reportagem da cerimónia que já foi referida e relatada pelos jornais diários, referindo-se, isso sim, os comentários que o facto nos sugerem.

Doze anos de actividade à frente de um Município é tempo que exige factos palpáveis. Porém, neste caso, o tempo torna-se pequeno para a grandeza da obra realizada a qual se estende por toda a cidade e seu concelho, alargando-se ainda aos campos da cultura e do desporto.

Efectivamente Braga renovou-se e alindou-se num ritmo que a ninguém passou despercebido, rasgando novas ruas, cercandolas de construções e embelezandolas ao mesmo tempo que eram erguidas construções de bom porte.

Continua na 4.ª página

«Os Grandes Esquecidos...»

Gerês. Termo taponímico mais que conhecido, para que dele fale, tem a infelicidade de não ser ouvido, quando fala. O mal ganhou raízes e parece não ter cura, como o cancro, nem remédio como a morte. Há dezenas de livros escritos sobre a famosa estância, dezenas de artigos espalhados nos jornais; e dezenas de projectos nas gavetas e maior número nalguns mentos; contudo, o Gerês continua, desde que me conheço, igual e resumido àquela «gigantesca sande com recheio humano», como A. Magalhães o cognominou.

Empunhando o rótulo «As águas melhores da Europa», na serra mais linda de Portugal», o Gerês vale-se da Natureza, e o conteúdo continua como nasceu.

É sempre o mesmo qua-

dro e no quadro a mesma cena:

parte o último hóspede, nos hotéis leva-se o último prato e na sua tomba a derradeira folha de tília. No ano seguinte, aparece o primeiro hóspede, lava-se o primeiro prato e varre-se a última folha. E pronto. O Gerês enveredou numa trajectória de rotinal! E cá está o segundo fulcro, que, aliado ao monetário, traduz o estagnamento gereziano. Por esse «jardim à beira-mar plantado»: Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, (para não dizer: e ondas curtas em 25 metros) afora os surdos, todos podem ouvir a música dos martelos e dos picos. No Gerês, a serra (que é a mais linda de Portugal) continua quase como nos tem-

Continua na 4.ª página



O Chefe do Estado com o Núncio Apostólico, o Snr. Presidente do Conselho, o Snr. Cardeal Patriarca de Lisboa e o Ministro dos Negócios Estrangeiros, no Palácio da Nunciatura, por ocasião do banquete do 25.º aniversário da sua consagração episcopal.

TRIBUNA FEMININA

Uma vista rápida sobre «O alto da Ponte»

DE ARTHUR MILLER

É curioso notar que Arthur Miller — sem dúvida alguma um grande nome da dramaturgia norte-americana — faz nos seus dramas a mesma crítica que, exposta pela voz de um Ibsen, de um Strindberg ou de um Hauptman, representava o pensamento moderno, na cena europeia, há uns bons cinquenta anos. Por isso, a sensação de estarmos a assistir a um «dramalhão» — deslocado nos nossos dias — em frente de peças que tiveram, e ainda há pouco, um êxito incontestável nos Estados Unidos. É que nos esquecemos, muito simplesmente, de que, embora unidos por uma civilização comum, os povos diferem quanto ao estado da sua evolução. Assim nos chegamos da América os mesmíssimos assuntos que foram debatidos na Europa há cinquenta ou mais anos. Vêm filtrados pelas diferenças de uma outra época, caminharam através de diversos meios sociais, passaram por tudo quanto há de mais dinâmico e de mais moderno. E percorreram esse caminho sem perder a violência da ideia criadora. Esta, na verdade, franqueou o tempo, franqueou o espaço e continua a pôr os mesmos problemas, sempre actuais, porque os sentimentos, no fundo, não mudaram, como não mudaram os gestos. A menina Júlia de Strindberg, que sai do quarto abotoando o vestido, para nos dar a ideia do que lhe aconteceu, é irmã gêmea desta Kathy, de Miller, que tem a mesma saída e o mesmo gesto, para nos dar a mesma ideia do desfloramento. Daí o agrado das plateias de além atlântico e daí um certo «estar fora do nosso tempo» nos teatros do lado de cá.

«Do Alto da Ponte» conta-nos, muito singela, mas dramaticamente, a história dos amores serodios de um descarregador dos cais de Nova York por uma sobrinha da mulher, adoptada pelo casal. Esses amores despertam, logo que a menina se torna rapariga, ignorados ainda pelo homem, mas já pressentidos pela tia. Uns parentes que chegam da Itália e se instalam em casa desencadeiam a tragédia. É o amor juvenil, todo poderoso, lutando contra o ciúme do homem de meia-idade que encobre — talvez mesmo a si próprio — as verdadeiras razões por que desaprova o casamento sob a desculpa da cobardia e pouca virilidade do pretendente à mão da rapariga. O amor jovem, é claro, acaba por vencer, mas não sem que haja prisões, lutas, navalhas, mortes e mais prisões,

A companhia do Teatro Nacional — que nos promete para breve dois originais portugueses. «Os Tavoras», de Carlos selvagem, e «Dom Henrique de Portugal», de Castro Osório (se este Dom Henrique é o Navegador, talvez chegue um pouco atrazado) — pôs em cena, com a costumada probidade, a peça de Miller. Amélia Rey Colaço desempenhou com alma o papel da mulher sofredora que vê, ao mesmo tempo, fugir o amor do marido e uma grave ameaça pesar sobre aquela a quem quer como a uma filha. Mariana Rey Monteiro nada mais pode fazer do que dar frescura e terna simpatia à figurinha da rapariga pura, surpresa pela chegada do amor ao seu coração de adolescente e chocada pela paixão brutal daquele que, até ali, considerara como pai. Parece-nos que as duas actrizes traíram, porém, um pouco, pela compostura de verdadeiras senhoras, as figuras das mulheres daquele bairro miserável que se vê «do Alto da Ponte» e para onde vão os pobres que chegam da Europa, mas de onde partem logo que a vida lhes sorri. Raul de Carvalho desempenhou a figura de descarregador das docas — a quem a paixão transforma em fera — no estilo que lhe é tão peculiar. Varela Silva agradou-nos pela sobriedade e arte como nos

vai contando o que, segundo nos parece, apenas bastava ser visto para se compreender. Paiva Raposo, muito bem no homem que se torna assassino, para defender o irmão. Quanto a José de Castro, deu talvez demasiada masculinidade ao jovem italiano pouco varenil ante os insultos e até ante a pancada.

Quanto à encenação, nem sempre concordamos com ela. Julgamos, por exemplo, que nos Estados Unidos todo o mundo janta na cozinha. Ricos, remediados e muito principalmente os pobres. A casa de jantar, quando a há, é só para visitas de grande cerimónia, pois obriga a contratar, à hora, pelo menos uma criada.

Para terminar, uma pequena pergunta. Não será forçar um pouco a nossa incompetência em matéria de teatro a vinda, pelo menos uma vez em cada época, de um encenador estrangeiro à Casa de Garrett? Admiramos o real valor de Luca de Tena, mas — que ele nos perdõe — na Espanha. Se não há encenadores portugueses, que se façam, e se não há professores que os ensinem, então, sim, para isso convidemos encenadores estrangeiros. E que se façam uns quantos cursos e não apenas para os diplomados pelo nosso Conservatório. Com isso, sim, estamos de acordo.

Culinária

Um prato simples para o seu almoço

Cortam-se fatias de pão de fôrma com um centímetro de altura, tiram-se-lhes as côdeas e fregem-se ligeiramente em manteiga.

Põem-se três fatias no fundo dum prato que possa ir à mesa e ao forno, tapam-se com bifes muito delgados de lombo de vitela e algumas rodela de ovos cozidos.

Cobre-se tudo com molho de tomate espesso, bem temperado com manteiga e dispõem-se por cima algumas fatias cortadas em triângulos.

Polvilham-se com queijo ralado e mete-se o prato em forno muito quente para aquecer tudo rapidamente, sem secar.

Serve-se sem demora.

Bolo salteado

Deitam-se num alguidar cento e cinquenta gramas de manteiga e trinta gramas de banha, derretidas em banho-maria, duas pitadas de sal

fino, uma colher (de café) de especiarias, cinquenta gramas de chocolate em pó, quatro ovos completos e quatro colheres (de sopa) de leite.

Bate-se tudo e, depois de engrossar, leva duzentos e sessenta gramas de farinha de trigo, peneirada com uma colher (de sopa) de fermento em pó e por fim cento e cinquenta gramas de passas Sultanas.

Continua-se a bater até a massa fazer bolhas e coze-se em forno lento, dentro de lata untada com banha e polvilhada com pão ralado.

Um prato delicioso de pão com vitela

Torram-se levemente algumas fatias de pão de forma e barram-se com manteiga, de ambos os lados. Com as fatias assim preparadas, forram-se os lados e o fundo de uma forma de fundo falso, ajustando muito bem.

Enche-se a forma com um bom guisado de vitela e mete-se no forno durante uns

Chove.
Rugem ventos em procelas
Sudomoveis vagalhões...
—Tempestades incríveis
Esfarrapam os corações!...

O frio assola as almas...
Correm,
Por montes e vales,
Além
Os rumores da meia noite...

Na lapinha de Belém
Há celestial luz...
—Da granítica Jerusalém
Descem sons duros e crús...

Meia Noite...

Na terra brota o dia!...
Entre harmonioso cantar
De melodia sem par
Da sempre Virgem Maria
Jesus Menino
Nasceu!...

Natal!...
Hossana a Deus!...
Descendo do etéreo reino,
Onde habita,
Da mais bela Israelita,
Pequenino,
Nasceu
O Onnipotente Rei dos Céus!

Espada de dois gumes
Germinou na terra.
E jámais cessará
Com arma tal
A guerra a Satan
A guerra ao mal...

E, em coro,
As almas,
Erguendo da vitória as palmas,
Em melodia celestial,
Cantam
Natal!!! Natal!!! Natal!!!

M. Matias

dez minutos para que tudo fique bem ligado.

Tira-se para fora, abre-se o fecho da forma para soltar os bordos e coloca-se a «charlotte» dentro de um prato que possa ir à mesa, *sem lhe tirar o fundo de lata*.

Guarnece-se em volta com ervilhas cozidas temperadas com manteiga e sumo de limão.

Põem-se em cima algumas anchovas de lata, enroladas, que se rodeiam com ervilhas.

Rolinhos de pescada com ervilhas

Parte-se um lombo de pescada em filetes, não muito grandes, e todos do mesmo tamanho.

Põe-se-lhe no centro um recheio de camarão cozido, passado pela máquina e refogado em manteiga, convenientemente temperado de sal, pimenta, queijo parmesão ralado e salsa picada.

Enrolam-se os filetes e atam-se bem com um fio, para que se não desfaçam. Refogam-se num estrugido feito com azeite e banha, em partes iguais. Engrossa-se, depois de bem refogados os rolos, o molho com uma gema de ovo desfeita com umas gotas de limão.

A gema e o limão devem juntar-se ao molho quando ele estiver bem a ferver, mas fora do lume, para que não destalhe.

Servem-se com arroz de manteiga ou com puré de batata.

Quem preferiu esparregado, fá-lo-á de espinafres.

Sandwiches variadas com pão de forma

Barrado com «mayonnaise» e, em cima, ovo cozido (uma rodela), ou uma rodela de to-

Continua na 4.ª página

TRIBUNA do CONCELHO

Sá de Miranda tem seu túmulo ameaçado pela ruína de um templo

O poeta palaciano não tem descanso nem na morte

Do *Jornal Brasileiro* o «Mundo Português» transcrevemos gostosamente o seguinte:

Modesta, quase anónimamente, Sá de Miranda está sepultado, neste concelho, na igreja de Carrazedo, o que acresce ao seu prestígio de poeta o de homem apagado na morte, senal de uma vida que, mesmo vivida na corte, não foi palaciana, contemporizante ou incoerente. Introdutor do soneto, Sá de Miranda foi um poeta pensado, culto, contundente. Acusam-no da frieza que tem quem denunciou vícios, quem pretendeu — e como êsse ofício é inútil nesta terra! — moderar mundanismos e inferioridades. Feliz, na morte, Sá de Miranda foi para longe da corte, que lhe era adversa, que o afastava à vista daquelas vidas caprichosas, com remoques citadinos e elegantes, mas destituídos do sentido humano que orientou os seus actos e moralizou os seus costumes.

Modestamente os ossos do poeta repousam numa capela branca de aldeia perdida por assim dizer, na paisagem singular do concelho de Amares.

Não se vá de reclamar a sua remoção: Sá de Miranda encontrou no túmulo a paz ambiente que deseja um homem que, como êle, por ela lutou. Só que tudo é contra os poetas e até o tempo. A chuva dêste Inverno penetrou nas paredes do templo e, como os homens, sem respeito pelo descaso do poeta, ameaça a igreja de ruína iminente. Alguém, outa alma anónima, ainda escorou a parede que alberga o túmulo de Sá de Miranda, mas o tempo mais depressa corrói a madeira do que as boas acções e a parede cair. A quem invocar o acto de ternura de que é bem merecedora a vida do poeta, de modo a que, em Carrazedo, longe das intrigas do mais singular mundanismo, Sá de Miranda possa, no seu túmulo e na memória dos homens, «requiescat in pace?»

«A. RAMOS & C.ª L.ª DA»

CERTIFICO — que por escritura de doze de Dezembro do corrente ano, lavrada a folhas noventa e seis verso a noventa e nove, do livro de notas número quatrocentos e seis, deste cartório, a cargo do notário, Licenciado Dario Martins de Sousa, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, entre Alberto António Leite Ramos de Azevedo, casado, comerciante residente no Largo Doutor Oliveira Salazar, e António de Azevedo Sá Coutinho Russel, casado, funcionário administrativo, morador no lugar do Outeiro, ambos da freguesia de Ferreiros, deste concelho de Amares, nos termos dos artigos seguintes: PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma de «A. RAMOS & COMPANHIA, LIMITADA», e tem a sua sede e domicílio no Largo Doutor Oliveira Salazar, desta Vila de Amares, o seu início conta se desde hoje e a sua duração é por tempo indeterminado. SEGUNDO — O seu objectivo é a exploração de todo o comércio em geral permitido por Lei e que não careça de autorização especial, designadamente, representações, comissões e consignações. TERCEIRO — O capital social inteiramente realizado em dinheiro, é de DEZ MIL ESCUDOS, sendo constituído por duas quotas iguais de CINCO MIL ESCUDOS, uma de cada sócio. QUARTO — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, nos termos e condições que entenderem e constem das respectivas actas. QUINTO — A cessão total ou parcial de quotas entre os sócios, é livremente consentida, mas para estranhos carece sempre de autorização especial da sociedade, à qual é em todo o caso reservado o direito de preferência, direito este que pertencerá aos sócios, não querendo aquela usar dele. SEXTO — A sociedade será representada em juízo e fora dele activa e passivamente pelo sócio Alberto António Leite Ramos de Azevedo, que desde já fica nomeado gerente, sem caução nem remuneração. Parágrafo primeiro — Para obrigar a sociedade é indispensável que todos os seus actos e contratos sejam assinados por ambos os sócios, Parágrafo segundo — Ao gerente é expressamente proibido usar da sociedade em actos e contratos alheios aos negócios da sociedade, designadamente em letras de favor, fianças ou abona-

É OBRIGATÓRIO O BELETIM DE SANIDADE

PARA OS TRABALHADORES QUE TENHAM CONTACTO com os produtos destinados À ALIMENTAÇÃO PÚBLICA, PRINCIPIANDO JÁ ESTE MÊS AS INSPECÇÕES

Por isso recomenda-se a todos os possuidores de boletins de sanidade, que devem revalida-los dentro do prazo estabelecido, sob pena de lhes ter de levantar o respectivo auto de transgressão.

Durante as horas normais de expediente, prestam-se todos os esclarecimentos na Subdelegação de Saúde (Santa Casa da Misericórdia.)

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — os Srs. Basílio da Silva e Manuel Alves Vitoriano.

Amanhã — A menina Maria Filomena de Sousa A. Menezes e o sr. João Baptista Rodrigues Saraiva.

No dia 16 — A sra. D. Isabel Barbosa de Macedo.

No dia 19 — os srs. Elísio António Gonçalves e António Joaquim Araújo.

* * *

Passa hoje o seu aniversário natalício o nosso colega de trabalho, Snr. Manuel da Silva Gomes. Por tão faustosa data os seus amigos desejam que esta data se prolongue por muitos anos.

ções. SÉTIMO — Os balanços serão fechados em trinta e um de Dezembro, devendo estar concluídos para aprovação dos sócios até ao último dia do mês de Março. OITAVO — Os lucros líquidos depois de deduzida a percentagem legal de cinco por cento para o fundo de reserva, serão divididos pelos sócios na proporção da suas quotas. Os prejuízos quando os houver, serão suportados de igual forma. NONO — No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade continua com os sobreviventes ou aptos e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, os quais nomearão entre si um que os represente na sociedade enquanto a respectiva quota se encontrar indivisa. DÉCIMO — As assembleias gerais, desde que a Lei não se oponha, serão convocadas por simples postal registado, Dirigido a cada sócio com a antecedência mínima de oito dias, a contar da data do registo do correio. DÉCIMO PRIMEIRO — A sociedade só se dissolve nos casos e termos legais.

Amares e Cartório Notarial, trinta e um de Dezembro de mil novecentos e sessenta.

O Ajudante do Cartório Notarial,

José de Abreu Dias

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Realizou-se em 7 de Janeiro de 1961 o primeiro casamento do ano. Foram contraentes João Pinto da Cunha e Emilia Martins de Freitas, solteiros, êle do lugar do Barral e ela, de Ponte.

Estudantes que retiram

Partiram para Braga os seminaristas Manuel de Jesus Soares, do 1.º ano de Teologia, e José Manuel Ferreira, do 5.º ano de preparatórios. Foram continuar no seminário a preparação sacerdotal a que se destinam.

A propósito lembrar-te-ei que desde o falecimento do Sr. Pe. Albino Pires, Lago deixou de ter representantes seus no sacerdócio. Há cem anos tinha mais!

Metamorfoses do Camalião

Li o artigo intitulado «estranha metamorfose» com o subtítulo — «o Camaleão», — publicado no n.º 258 da Tribuna Livre. Para alguns esta curiosa sátira terá certamente um alvo evidente.

Para mim e para outros como eu, analfabetos em intrigas de política local, é difícil conhecer o tal camalião ou largato manhoso, a mudar de cor conforme os interesses.

Não conheço o habilidoso autor de «o camaleão». Estou, porém, certo de que se quiser passear, encontrará muitos largatos desse tipo...

Os dias de trevas

Alguns profetas, sem missão, andaram a fazer profecias para o ano de 1960, ameaçando com dias de trevas durante os quais só poderiam arder velas bentas.

Certamente ainda te lembraras.

Posso dizer-te que vi algumas velas a arder, mesmo sem benzer, em todos os dias desse ano fatédico... Enquanto 1960 não teve dias de trevas, a não ser que se contem como tais, os dias de chuva, foi contudo um ano de desgraças. Recordas os terramotos, as cheias os acidentes de viação... Entre os muitos desastres políticos não ficará mal lembrar a independência do Congo...

Estou convencido que muitos destes casos de profecias e visões têm só uma explicação: Falta de parafusos na engrenagem cerebral dos profetas e visionários em referência.

Má colheita

Um dos grandes males que 1960 nos deixou foi a péssima colheita dos frutos dos — campos, principalmente dos cereais e legumes. Neste ponto a lavoura sofreu um dos maiores reveses de que há memória.

Teu J. Moreira

HUMORISMO

No Café

Dizia há dias um merceiro pouco consciencioso:

— Em tempos tive um cão que atacava como uma fera todos os ladrões...

— E que lhe fizeste?

— Dei-o a um amigo, porque ultimamente atirava-se a mim, como uma fera!...

— Era fino, o raio do cão! — respondeu a alguém, que ouviu.

Entre Amigos

Podês emprestar-me vinte mil reis até sábado?

— E. se, por fatilidade, morres antes desse dia?

— Que tolice! Sou demasiado honrado para fazer uma tal cousa...

Entre amigas íntimas

— Não sei como te agrada esse rapaz, Laura. É tão gastador!

— Mas que me importa a mim que o seja, quando gasta quase tudo comigo?

Leia, Assine

Publique

«Tribuna Livre»

Cançada Vista

Por um filho, há muito ausente

Quando eu saí de Cançada, daquele saudoso recanto do nosso querido minhinho; era um pequerrucho endiabrado com todos os sinais juvenis.

Os anos galgaram velozmente, e os meus cabelos que outrora eram tão prontos e belos, ganharam a côr branca da saudade! Os meus dentes já protegidos com o engenho da ciência humana, e as minhas vistas já só com graduação conseguem vêr à minha volta!

Eu, ao sentir todos estes sintomas d'um fim chegado, senti um desejo atroz que fez com que considerasse mesmo necessidade de visitar a terra que me serviu de berço.

Ver talvez pela última vez o túmulo onde jazem meus pais, e respirar o Oxigénio saudável e puro da vegetação da minha aldeia. Sentindo um forte impulso dentro de mim, sem prévios avisos para evitar manifestações imercidas, segui em direcção ao nosso minho continental; depois de alguns dias de viagem, galgando Kms e Kms, cheguei finalmente ao destino desejado.

«Cançada»!...

Parei na estrada ao cimo do povoado (Raposeira) e ao deparar com o campanário que se erguia lá ao fundo Não me conteve e chorei!...

Segundo está escrito, foi ali numa manhã de Outono de 1898 que eu recebi o Santo Sacramento do Baptismo! É ali, junto àquele campanário, que se encontram os membros mais queridos de minha família, bem como muitos de meus amigos e parentes, d'alguns dos quais, ainda só hoje, eu tive conhecimento. Depois contemplei alguns lugares por mim noutros tempos tão queridos, e outrora habitados; e no momento que eu procurava enxugar alguma lágrima teimosa que persistia em saltar, passou alguém que me deu as boas tardes, com aquele estilo do nosso minhinho; tentei um disfarce, e apressei-me a fazer algumas perguntas a aquele conterrâneo dos seus cinquenta anos, às quais respondia amavelmente, a conversa prosseguiu, e a certa altura, talvez por me ver um binóculo que no momento ostentava; este perguntou:

O Sr. É Engenheiro?

Eu como me não queria desmascarar interroguei: Como descobriu? Resposta dêste — Desconfiei, porque como andam em projectos as obras da Escola...

— Falando de cor atalhei: É muito necessária a sua reparação?

— mais do que necessária! O Sr. já viu o seu estado? Se não viu peça-lhe que o veja, isto é uma vergonha! O Sr. desculpe o termo, mas aquilo é um autentico palheiro! Começaram a cair umas pingas, metemo-nos dentro do automóvel e o homenzinho contou-me ali coisas que me surpreenderam, entristecendo-me ao mesmo tempo; gostei de o ouvir falar e admirei o interesse que mostrava na remodelação da sua aldeia, apesar da sua idade! E agora não pelo que vi, mas pelo que da sua boca ouvi, eu lamento profundamente a decadência duma Aldeia que sempre possuiu gente bairrista e espirituosa!...

Tolera-se que um homem como eu por quem os anos passam, perca a vitalidade e mostre ruína, porque o infalível não falha, e eu sou um ser vivo que permanece como todos, na sala de espera, para a morte!

Mas um monumento, uma obra, essa não pode, ou melhor, não deve mostrar ruína; porque está ao alcance da população moderna conservar aquilo que os antigos construíram.

Graças a Deus, que segundo essa alma ilucidou, reparam, ou melhor prepararam-se para reparar esse interesse utilitário, que é a ESCOLA.

P. rabêns aos da iniciativa e contribuintes um conterrâneo

Culinária

(Continuação da 2.ª página)

mate, ou ainda rodinhas de rabanetes com casca (Estas rodinhas devem ser todas partidas o mais finamente possível).

Na preparação do molho de «mayonnaise» junta-se um bocadoinho de colorau doce, o que lhe dá uma linda cor rosada.

Com este molho se untam as sanduíches de pão de forma. É preciso deitar o colorau às pitadinhas, para ir vendendo a cor que dá, e não ficarem carregadas demais, o que lhes faz perder a graça.

Estas rodellas, assim barradas com a «mayonnaise» colorida, cobrem-se com gema de ovos picada, com salsa picada ou com um camarão cozido ao meio.

Outras barram-se com «foie-gras» e põe-se-lhes, ao centro, metade duma azeitona sem coração.

O pão talha-se como se quere: em quadros, em triângulos ou em quadrilongos.

1.ª publicação



SECRETARIA JUDICIAL
DE
VILA VERDE

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos de David Pereira, casado, comerciante, morador no lugar de Ilhó, da freguesia de Cervães, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução de sentença que contra aquele move a exequente Rosa Taveira, solteira, maior residente na mesma freguesia de Cervães.

Vila Verde, 19 de
Dezembro de 1960
O Chefe da 1.ª Secção
(Mário Mendes Galinha
Verifiquei
O Juiz de Direito
(Manuel Alves Peixoto)

Os grandes esquecidos

(Continuação da 1.ª página)

pos em que os exércitos Romanos por lá passaram ou quando conservava ursos na sua fauna.

Hoje, enchi a caneta, mais para libertar uma dor de consciência do que para relatar uma necessidade.

Então, a ligação de fronteiras?

O progresso do Gerês? Apenas apareceu a electrificação a trocar outra e que, diga-se, ainda não conseguiu fazer ver aos responsáveis o que merece o Gerês!

Interrogo de novo: quando poderemos vê-lo em equo valor das suas águas?

Especificando, quando poderemos chamar, ao Gerês, a estância melhor da Europa, na serra mais linda de Portugal?

Nunca, se o futuro for como o presente.

Concerteza, gritos de profeta no deserto.

Mesmo, este recanto parece lançado, por sorte, no esquecimento: 30 anos lutou Vilar da Veiga com os S. F. luta tristemente gloriosa e quando se divisava um pouco de bonança, surge nova luta, desta vez com a H. I. C. A. e ingloria tristemente Não pretendo porém descutir a metafísica do destino; nem o meu treno quer ferir susceptibilidades.

Apenas chega de colocar mechas nos ouvidos e esparadrapo nos olhos...

César Príncipe

Visado pela censura

Tribuna de VILA VERDE

Juiz Dr. Manuel Alves Peixoto

No passado Domingo, foi homenageado com um jantar oferecido pelos funcionários forenses desta Vila, advogados e amigos pessoais, o Snr. Dr. Juiz Manuel Alves Peixoto, que durante dois anos exerceu a magistratura nesta Comarca e que recentemente foi promovido à primeira classe.

Hospital da Misericórdia

Por intermédio da Direcção Geral da Assistência, o Senhor Ministro da Saúde e Assistência concedeu ao

Hospital da Misericórdia desta Vila, um subsídio de dez mil escudos, verba que se destina ao cortejo de Ofe rendas.

Comissão Venatória Concelhia

Pelo Snr. Vice-Presidente da Câmara Municipal deste concelho, foram empossados os componentes da Comissão Venatória Concelhia para o triénio 1961-1963 inclusivé, Snrs. Mário Augusto Bacelar Alves, Marcelino Alamillo Soares de Sousa, Estevão Soares de Faria, Francisco da Costa Matos e José Maria da Silva. C.

Foi grandiosa e brilhante a homenagem prestada ao presidente da Câmara de Braga

(Continuação da 1.ª página)

A cidade de Braga, por intermédio da sua Vereação, tinha premiado a acção do sr. António Maria Santos da Cunha concedendo-lhe a medalha de ouro da cidade. A oferta não mais se realizou tendo uma comissão de devotados amigos e bairristas entendido que era este o momento oportuno para lhe ofertar. Para o efeito abriu-se uma subscrição e foi por meio dela que a valiosa joia foi adquirida.

Para o acto solene foi marcada uma sessão solene e aconteceu então que as adesões surgiram de diferentes laços de maneira a conferir-lhe o ambiente de grandeza que era justo num acto em que se evidenciava e exaltava uma obra efectivamente grande e inegável.

A cidade cumpriu mostrando-se grata e reconhecida e também do concelho e de outros vizinhos acorreram pessoas que quiseram associar-se a um acto de justo louvor ao homem esforçado que à frente do seu Município foi denodado.

Finda a lusida sessão o homenageado recebeu cumprimentos dos presentes e seguidamente, na Igreja dos Congregados, realizou-se um acto religioso em acção de graças a que também compareceram as entidades presentes.

A Comissão com o rendimento da subscrição pública ofereceu também ao homenageado um carro que se encontrava em exposição no átrio do Teatro Circo de Braga.

O sr. António Maria Santos da Cunha como agradecimento à cidade ofereceu um bodo a 500 pobres e distribuiu 30 contos pelo Liceu Nacional de Braga e pela Escola Técnica para serem atribuídos aos melhores alunos como prémio pelo seu comportamento escolar.

Durante a cerimónia no Teatro Circo foi entregue a medalha de ouro da cidade de Braga ao sr. dr. Francisco Araújo Malheiro, antigo presidente da Câmara, a qual lhe tinha sido atribuída por deliberação do Município de 1952, acto que a assistência soube distinguir com especial referência.

JÁ BASTA!

(Continuação da 1.ª página)

elegante, e esta atravesse umas miseráveis grades de caminho de ferro que ao construir-se poderia ter tido um desaterro ou um pontão que evitasse a passagem de nível...

Há, pois, que iniciar uma campanha, que alerte quem de direito para com uma penada — que seria uma machadada em forma — resolver o assunto. Pontões, ou desaterros, resolveriam todo este caso de uma vez para sempre e a despesa compensava o prejuízo em vidas e material que tem sofrido o português com as passagens de nível no seu país.

Podem objectar que lá fora (a eterna imitação do estrangeiro) também existem. Pois existem, claro. Porque lá fora o desleixo é como aqui: tudo corre pelo melhor. São mais uns centos que desaparecem da face da terra para dar lugar a outros...

Colegas da provincia. Fazemos uma campanha em forma e parece-nos que estando dentro do Humano estamos também dentro da Justiça, do Direito, da Moral e da Fé, nos destinos de uns tantos que anualmente desaparecem sob a onda avassaladora dos desastres por passagem de nível.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

O PADRE MARTINS CAPELA | Férias em Terras de Bouro

É digna de geral repercussão, pelo menos na arquidiocese de Braga a notícia da homenagem que Terras de Bouro se propõe prestar ao insigne sacerdote.

Vai celebrar-se em 1962 o cinquentenário do monumento erigido ao Sagrado Coração de Jesus no Alto das Mós, do qual Martins Capela foi incansável obreiro. Aproveitando a oportunidade desta comemoração, organizou-se, conforme consta, uma comissão com o fim de perpetuar em sua terra natal o nome do homem e do sacerdote que já em sua vida se tornou conhecido e respeitado em todo o país, que igualmente honrou e dignificou no estrangeiro, pelas suas virtudes e grande ilustração — consagração há muito planeada, mas que só o amadurecimento do tempo e das ideias torna possível.

Filho dos honrados lavradores, António Joaquim Martins Capela e Maria Custódia Rodrigues Salgado e Carneiro, entre 12 irmãos ainda outro se ordenou e foi João Hipólito, depois pároco durante muitos anos na freguesia de Goães deste concelho, que só abandonou para ir morrer à sua terra; duas irmãs foram religiosas hospitalarias.

Manifesta a sua propensão para a vida eclesiástica, começou a estudar latim, em Covide, com o padre Jerónimo José Gonçalves que, como os padres Bento Lopes de Rio Caldo; Manuel Dias da Balança; Francisco Martins de Chamim e «Maranho» de S. Bartolomeu, preparavam por esta redondeza, para exame das matérias secundárias, os candidatos ao Seminário; e chamavam-se «padres-mestres».

Completo os estudos em Braga, e ordenado presbítero, foi abade na sua freguesia de Carvalheira e de Painzela no conc. de Cabeceiras de Basto até 1880.

Aí, uma nova vocação, para que se sentia naturalmente inclinado e apto, louvou-o ao exercício do magistério secundário. Começou por exercer o professorado no Colégio da Formiga, em Ermezinde; com tempo e segurança preparou-se para o concurso de provas públicas ao ensino oficial nos liceus, fazendo com tal eficiência o seu tirocínio que foi o primeiro classificado.

Despachado para o liceu de Viana do Castelo em 1888, tomou à sua conta as disciplinas de geografia e Filosofia.

Pediu, em 1896, transferência para o liceu de Braga, afim de corresponder ao insistente convite para reger simultaneamente a cadeira de Filosofia Tomista no seminário Conciliar, de cujo ensino apregoava as vantagens na sua *Oportunidade da Filosofia Tomista em Portugal*, publicada em 1892.

Com vista à organização dos seminários, foi superiormente incumbido de estudar no estrangeiro o funcionamento de estabelecimentos congêneres, missão para que sobejamente o evidenciavam os seus altos méritos didácticos.

Mas a sua maior glória foi e é a de consumado arqueólogo.

Tendo à sua vista e alcance o mais vasto museu da antiguidade romana, que é a via militar imperial da *Geira*, o estudo da epigrafia nessas sumidas inscrições das pedras miliare que o tempo vem a apagar há tantos séculos, devotou-se-lhe com a paixão, que faz de um soldado um herói; do sacrifício de calcurriar léguas por entre matagais na ânsia de pesquisas e investigações que só a sacacidade do mestre consumado poderia coroar de êxito — o prazer dos sábios.

Do paciente e laborioso trabalho a que meteu ombros, pondo a trave mestra na obra de seus percursos — Bernardo de Brito, Argote e Matos Ferreira, sem falar em tantos nacionais e estrangeiros, o Padre Martins Capela trouxe à luz da publicidade o fruto do seu desporto infatigável — trabalhar para a grandeza e justo renome da sua terra, aquém e além fronteiras.

Academias nacionais e estrangeiras honraram-no com seus títulos.

Dos seus trabalhos literários, *Miliários do Conventus Bracarangustanus* publicado em 1895, e há tanto tempo esgotado, só é pena que não se lhe faça uma 2.ª edição. Tratados que se tornaram de quase exclusiva posse de bibliotecas, e pouco contribuem para divulgação dos seus ensinamentos, na congelção das estantes, donde raros leitores os mandam procurar, e muitas vezes por desconhecimento da sua existência.

xxxx

O Padre Martins Capela viveu uma época já de muito longe conturbada no rasto da sua existência, e algo depois dele, por oposição de ideais que caracterizam o modo de ser do verdadeiro homem das montanhas que nunca naufragou

(Continua no próximo número)

E próprio da maior parte das pessoas, onde quer que veja pela primeira vez o raiar do sol e passe os primeiros anos da juventude, sonhar desde tenra idade em conhecer os novos mundos de que houve falar.

Quem por exemplo, teve como berço a linda província de Moçambique sonha conhecer o ambiente do mistério noite-africano, as gôndulas de Veneza os cantares dos românticos napolitanos, as mornas caboverdeanas, os fadistas Lisboaetas o cantar pelas ruas, as castanholas em Espanha e um vira do Minho. Os anos vão passando e a realização desse sonho por vezes torna-se possível. E com a alma a transbordar de alegria e esperança parte-se um dia ao encontro de todas essas maravilhas. Todavia o sonho ultrapassa quase sempre a realidade. Passa pelo norte de África e não se encontra aquilo que se esperava; as gôndulas não têm aquela beleza que observávamos no panorama onífico da nossa imaginação; o poeta napolitano não tem trovadores à nossa espera e não conseguimos ouvir na sua pureza as mornas em Cabo Verde nem as castanholas em Espanha e o fado nas ruas de Lisboa. Faltava apenas êsse cantinho de Portugal êsse Minho risonho onde as flores ondulam ao vento que passa, as fontes rezam em melodia ao descer dos montes e a gente do campo trabalha cantando em seus trajes regionais e dança o vira nas romarias e feiras.

Com a alma cheia de esperança e receio chega-se um dia ao Minho e ao partir levase o desejo de voltar sempre porque se encontrou o que se procurava. É a quarta vez que aqui venho passar os poucos dias que tenho para repouso e vale sempre a pena porque em cada época encontram-se as coisas mais diferentes.

Pude ver já a animação das

vendimas e esfolhadas e desta vez o Natal Minhoto. Agora compreendo o motivo porque nenhum minhoto se conforma quando têm de passar esta quadra fora do velho lar. É qualquer coisa de maravilhoso. Nas vésperas a troca de consoadas entre amigos e sobretudo a consoada dos menos afortunados que ninguém esquece nesse dia e todos mandam o seu bocadinho de bacalhau, batatas, vinho do melhor e as tradicionais broas de pão. No dia lá está a grande fogueira com lenha de carvalho, panelas por todo o lado, crianças a descascar as pinhas, e ninguém se esquece do canhoto de Natal que começa arder nessa noite e é retirado apenas no dia de Reis e guardado para volar a arder nos dias de trovoadas. A velha cosinha anima-se extraordinariamente porque é preciso fazer formigos, aletria, sopa-seca e ninguém esquece as batatas com bacalhau e os «olheiros» cortados de fresco.

Pela meia-noite repicam festivamente os sinos e ninguém se esquece de ir ver de que lado ficam as «têmperas». Quase ninguém dorme porque depois fazem-se visitas aos amigos para provar o que de melhor há em sua casa e até as inimizadas são suspensas.

No dia seguinte «dia de nascimento» todos aparecem

com os seus fatos novos sem esquecer o saquinho de pinhões, confeitos e noses para jogar o rapa ou o «par ou pernã». Brincando pelo caminho todos se dirigem para a igreja onde um lindo presépio apresenta o ambiente de Belém. Há foguetes durante a missa e no fim todos vão a beijar o menino deixando as suas prendas. Há canções que dão a tudo o que vemos um verdadeiro ambiente de sono e sentimentos dificuldade de descrever tudo por que um sentimento indizível nos invade. É assim o Natal em Terras de Bouro e a gente parte deixando ali um pouco da nossa alma e um interesse enorme por tudo o que diz respeito à terra onde fomos tão felizes. Por isso não deixamos de lamentar certas pequenas coisas dignas de reparo. Notamos por exemplo uma igreja muito pequenina e de tal maneira que parecia não poder comportar a muita gente e estalar com as lindas canções de Natal. Notamos com certa amargura o espectáculo que oferecem aqueles sinos pendurados e que mais fazem lembrar um projecto de missão africana do que uma torre duma igreja. Notamos a falta de estradas que permitam subir às alturas desta verdadeira Suíça.

Maria das Mercedes



BELOJÓRIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 22526 Braga

Empresa Predial do Infante, L.^{da}

45, RUA DAS TRINAS, 47

TELEFONE N.º 40661

G U I M A R ã E S

TELEGRAMAS INFANTE

COMPRA — VENDE — HIPOTECA PROPRIEDADES HIPOTECAS S/ AUTOMÓVEIS

Toma a seu cargo a administração de Propriedades em qualquer parte do País. Todas as transacções sobre 1.ª Hipotecas em Propriedades são feitas aos juros de 8,0% e pagos adiantadamente aos anos, sendo da nossa responsabilidade a eficiência da Transacção. Tratamos de toda a documentação, Registos, etc. Nada cobramos de comissão aos Capitalistas.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

TRATAMOS TODOS OS ASSUNTOS FISCAIS

Aceitamos avenças anuais para tratar todos os assuntos Fiscais junto das Repartições.

DIRECTORES:

{ Francisco de Assis Ferreira Pulido de Almeida
Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.

TRIBUNA DESPORTIVA

DESILUSÃO

Campeonato Regional da 2.ª Divisão de Braga

G. D. de Prado 1 F. C. Amares 1

Devido às festas do Natal e Ano Novo, este campeonato sofreu uma interrupção e só no passado domingo se realizou a 4.ª jornada.

Os resultados desta ronda foram os seguintes:

Prado—Amares	1-1
Leões—M. da Fonte	2-0
Fão—Campelos	1-3
Taipas—Vizela	2-1

* * *

O Futebol Club de Amares deslocou-se a Prado para defrontar a turma local. Esta, muito moralizada pelo triunfo alcançado na última jornada na Póvoa de Lanhoso e pela regularidade com que vem actuando, fez despertar bastante os entusiastas da bola, para o prélio com o Amares—o sempre temível adversário—originando uma assistência regular.

Os grupos alinharam:

PRADO:—Zé; Chapel, Jerónimo e Casimiro; César e Cachada; Gomes, Correia, Mau (a 40 m. Ramalho), Alfredo e Leonel.

AMARES:—Carricho; Elói, João e Zé Manel; Armindo e Russo; Lino, António, Dias, Araújo e Barrosa.

O jogo começou com boa velocidade e constante assédio sobre as defesas, tendo estas de se empregar a fundo para neutralizar as investidas dos atacantes.

Aos 4 minutos de jogo, o Prado abriu o activo por intermédio de Correia que finalizou um cruzamento de Gomes, parecendo-nos sem dúvi-

da, que o interior-direito do Prado encontrava-se em nitido fora de jogo. Este golo não afectou o ânimo dos rapazes do Amares que se lançaram sempre no melhor caminho para alvejar as balizas à guarda de Zé. Um remate de António que quase parecia indefensável, encontrou o corpo de um adversário quando já se acreditava no golo. Por vezes, Carricho foi chamado a intervir com certa decisão aos pés dos atacantes pradenses.

Cerca de 20 minutos de jogo, um grande remate de Barrosa foi cortado por Jerónimo com a mão, já dentro da grande área, sendo reclamado o castigo máximo pelos jogadores e assistentes do Amares, mas o árbitro manteve a decisão.

Chegou o intervalo com o resultado favorável ao Prado, tendo o Amares neste período, desperdiçado mais oportunidades de marcar que o seu adversário.

Recomeçado o encontro verificou-se uma mudança no xadrez da equipa do Amares, que na nossa maneira de ver, foi banéfica para o conjunto: a permuta de Dias com Barrosa. Ambos no seu novo lugar mostraram-se mais vivos e, dando assim mais agressividade ao ataque.

Manteve-se o resultado da primeira parte até longo tempo, com visível infortúnio dos atacantes do Amares que carregaram o andamento para as balizas do Prado.

Verificou-se neste período a constante ajuda do defensor cen-

tral João que aparecia integrado no ataque.

Os locais somente com alguns contra ataques criaram certo perigo mas a defesa forasteira, muito atenta, resolvia a situação.

Ao 80 minutos surgiu uma jogada pela ala esquerda do quinto do Amares e finalizada com um grande remate que deu ao guardião local a melhor defesa do encontro. Grande defesa sem dúvida alguma, que parecia queimar as esperanças de um possível «volte-face» no resultado, pois o marcador era somente ilusório.

Precisamente aos 88 minutos do jogo, o extremo-direito Lino aproveitou muito bem uma passagem, anichando a bola no canto superior esquerdo da baliza do Prado.

Estava feito o resultado e talvez o mais certo. A haver um vencedor só poderia ser o Amares, tanto pelo seu melhor jogo como pelas oportunidades desperdiçadas.

No Prado salientaram-se: Jerónimo, César, Zé e Leonel.

No Amares actuaram todos com o desejo de vencer, mas merecem uma especial nota, o médio-centro João pelo seu grande espírito de sacrificio e nível que atingiu, o médio Armindo que chegou mesmo a brilhar um pouco, os interiores António e Araújo.

A defesa não foi chamada a mostrar todos os seus recursos, não podendo assim atingir um nível melhor. Dois dos restantes avançados, como já frisei, subiram desde que trocaram de postos, e, a voluntariedade de Russo mais uma vez foi muito aceitável. O

Ó suave esse perfume fugidio
Ó quão suave mais ainda a tua voz!
A voz tua que não oiço no sombrio
Desta vida muda e triste, ó vida atroz!

Esqueci? Ah não 'squeci, mas vivo ainda,
Noutro sonho? — Impossível, oh meu Deus!
O outro sonho é página que finda,
É não sonho é um 'squecer os sonhos teus!

Desde o dia tão sombrio como triste
Em que vi esse meu sonho derrubado,
Dulcinea, desde que um peito feriste,
Mudo e triste foi esse peito encerrado!

Lança, ó lança, sobre mim a vil tortura.
Não receies triturar o peito meu!
P'ra que jaza sob a fria sepultura
Este pobre que foi rico... do amor teu!

E quando já meu pobre ser 'squecido
Pelo mundo e vós, que fostes minha amada,
Rogarei a f'licidade ao Deus Querido
Para vós, a que por vós me foi negada!

Se na vida loira e bela em que abundas
Te ufanas do teu sonho jovial,
Não esqueças que no meu peito aprofundas
A tortura do silêncio sepulcral!

Gota d'Orvalho

guarda-redes, só algumas vezes foi chamado a intervir, mas cumpriu de maneira a dar confiança à equipa.

A arbitragem pode considerar-se regular, não se verificando factos dignos de baixa nota, a não ser o «penalti» perdoado que, no entanto, veio a ser compensado perto do fim, quando Elói cometeu falta idêntica.

Após esta jornada, a classificação ficou ordenada:

Campelos	6 pontos
Leões	6 »
Taipas	6 »
Vizela	4 »
Prado	4 »
Amares	3 »
Fão	1 »
Maria da Fonte	0 »

Parece modesta a classificação do Amares neste momento. Mas, se nos lembramos que dos 4 jogos disputados somente um foi no nosso terreno, está plenamente de acordo.

* * *

Amanhã o Amares recebe os Leões o que será o grande jogo do campeonato.

Esperamos mais uma vez os incitamentos aos briosos rapazes, que tão bem tem representado o concelho neste campeonato.

Abel Antunes

Visado pela Censura

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

233. 500 cruzados, e assim também impôs o novo tributo dos escravos, que se fossem para as Minas, que importou em 9.346 libras, e veio a importar a vantagem dos contratos, com a arrecadação da Décima, e escravos, 278.688 cruzados.

«Dos livros da Secretaria daquela Conquista se colhe a contínua fadiga com que trabalhava, porque olhando-se para os livros dos registos das ordens, e cartas do tempo de seus antecessores, faz maior volume que o de todos eles o registo do seu tempo, e alega que não foram muitas menos as que deixaram de registrar-se, por serem de segredo.

«Reduziu a boa ordem a mesma Secretaria, mandando fazer um livro para distribuição dos papeis, e que se rubricassem e fizessem os encerramentos e 28 livros.

«Arrimou pela ordem dos tempos, e das terras, 22 maços de papeis, mandando, pôr-lhe letreiros para sua guia; ordenou e ditou o alfabeto de 9 livros de cartas reais, assistindo pessoalmente a esta obra tão útil, e, tendo notícia dela o Conselho, mandou dar cem mil reis aos oficiais da Secretaria.

«Agradeceu-se-lhe o haver regulado os livros das mostras em termos que não pudessem receber soldos, nem passar por soldados os que o não fossem. Deu conta para que se evitasse o prejuizo de ficar livre, aos que eram mandados à execução desordens de S. M.

«Mandou fazer uma entrada no Palmar, dando-se com um mocabó de pretos levantados; ficaram presos 18, o seu governador morto, e a campanha segura para assistência dos Paulistas. Deu providência para que os capitães-mores do Rio-Grande e Ceará procedessem sem violência. Informou-se exactamente do motivo por que se levantaram os Indios do Ceará, e fez vir perante si o capitão-mor

desta Capitania por haver concorrido para esse levantamento. Conseguiu uma feliz vitória destes bárbaros, tão prejudiciais à quietação de Pernambuco, que, pedindo pazes, mandou S. M. que se lhe não concedessem, ante se extinguissem totalmente, salvo se da dilação dela resultasse algum perigo aos outros seus vassallos domésticos. «Alega que esta era a maior capitania de Pernambuco, e que esteve perdida, sem que ficasse nela mais que uma pequena fortificação de fachina, com duas peças de artilharia, dilatando-se o Ceará por mais de 130 leguas da costa, e cinquenta povoadas para a parte do sertão, que se estende por mais 50 leguas, ainda além do rio Amazonas.

«Determinou que os capitães-mores mandassem por aquele Governo referendar os provimentos dos oficiais de Justiça, e Guerra; que não dessem patentes de postos e cartas de sesmarias, por não perder a Fazenda Real as anatas e direitos que lhe tocavam. Assim mesmo tirou o abuso de dar-se auxílio de braço militar para a execução dos mandados de Justiça, sem que precesse informação dos Ministros, porque assim devia ser, para se evitarem muitas violências.

«Como Presidente da Junta das Missões, assistiu a elas com particular zelo do serviço de Deus, dando nova disposição e método para se proporem os negócios, e terem breve expedição.

Com a fadiga e constante trabalho, grangeou achaques que o obrigaram a pedir sucessor para o governo, por ter estabelecido a paz, e a que S. M. não deferiu senão depois de acabar o seu triênio; por causa desses achaques veio de cama toda a viagem, e, aportando na ria de Vigo, padeceu larga doença, de que mal convalescido, veio continuar os remédios em sua casa.

«Tirada a residência do seu governo, ofereceram libelos os presos, por não haverem sido pronunciados mais que somente doze, como foi ordenado ao Juiz relator e mais adjuntos, por decreto de 16 de Janeiro de 1715.

«Teve ele o trabalho de se defender dos ditos libelos, que S. M. mandou suspender e pôr neles. perpetuo silêncio.

«Ajunta muitas cartas em seu abono, dos Governadores Gerais,

(CONTINUA)